



Dedicados ao enfrentamento da pandemia, profissionais que atuam em unidades de saúde, como médicos, enfermeiros, auxiliares de limpeza e seguranças relatam o cansaço após uma luta diária contra o novo coronavírus desde março de 2020

# Dois anos de SUPERACÇÃO

» EDIS HENRIQUE PERES

Depois de dois anos enfrentando uma guerra invisível contra o novo coronavírus, os profissionais que protagonizam esse combate relatam as sequelas deixadas pela luta diária contra a doença. Mesmo treinados para lidar com a perda de pacientes e com a dor dos familiares, a rapidez e o número de mortes que a covid-19 trouxe nas alas dos hospitais repercutiu no dia a dia desses trabalhadores. No Distrito Federal, desde o começo da crise sanitária, 11.508 vidas foram interrompidas. Mesmo entre aqueles que sobreviveram, há quem sofra com as sequelas deixadas pela doença.

Na unidade básica de saúde (UBS) 5, os profissionais convivem diariamente com um misto de emoções. “Ao mesmo tempo em que vacinamos as pessoas e vivemos a alegria delas estarem imunizadas, damos o diagnóstico da covid-19 e vemos o desespero de quem está doente”, relata o gerente da UBS, Wellington Antônio da Silva, que confessa: “o cansaço é generalizado”.

Para o servidor, o motivo do esgotamento é a luta intensa e longa. “Nós nos doamos todos os dias, não importa se é feriado ou fim de semana. Vimos muita coisa nesta pandemia. Em toda a minha carreira, trabalhei em diversos locais, mas nunca cheguei ao ponto de ir para casa e me sentir desolado, como acontece nesta crise, devido ao estresse e ao cansaço”, explica Wellington.

Além do adoecimento e da exposição da vida dos agentes, o presidente do Sindicato dos Médicos, Gutemberg Fialho avalia que “a demanda sobre a saúde foi crescente nos últimos dois anos e, nem sempre, os profissionais sentem que são reconhecidos pela sociedade ou pelo governo, às vezes parecem que estão esquecidos”. Muitos doaram suas vidas a esta batalha: desde o começo da pandemia, de acordo com o Conselho Regional de Medicina, 12 médicos morreram de covid-19 na capital do país.

### Esgotamento

Enfermeira da UBS 5 de Taguatinga, Simone Mariz, 43, ressalta que, depois de dois anos de trabalho em ritmo exaustivo, as forças dos colegas estão “se esvaindo” e a saúde mental “se mina a cada dia”. “Nosso sentimento é de soldados abatidos, que fizeram parte da linha de frente, mas foram esquecidos na história de uma pandemia. Não somos heróis, somos humanos. Não temos poderes especiais e estamos esgotados”, enfatiza.

As unidades de terapias intensivas (UTIs) lotadas e os plantões exaustivos marcaram os profissionais de diversas formas. Também enfermeira, Dimitria Lemos, 40, atuou no começo da crise sanitária no Hospital de Base. “Não acreditava que estava vivendo isso, não conhecíamos nada do vírus e tínhamos uma preocupação muito grande de saber qual o material de proteção adequado para conseguir evitar a contaminação e proteger quem a gente ama. Tudo era

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Enfermeira, Dimitria Lemos conta que nunca havia visto tantas pessoas nas unidades de saúde em busca de atendimento

### MORTES POR COVID-19

12

médicos

26

enfermeiros

63

vigilantes

\*Não há dados com o número de óbitos entre os profissionais de limpeza

fonte: Conselho Regional de Medicina; Conselho Federal de Enfermagem; Sindicato dos Vigilantes.

incerto, e o mundo estava apreensivo. Colegas que trabalhavam há 30 anos na área da saúde disseram nunca ter vivido uma situação igual: o pronto-socorro foi inteiramente esvaziado para receber apenas pacientes de covid-19”, detalha.

A profissional revela que muitos colegas sofrem de depressão, burnout e ansiedade. “Não temos uma matéria na faculdade para lidar com a morte e o sofrimento humano, então, é difícil ver o paciente morrendo e tantos passando pela mesma coisa ao mesmo tempo. A empatia é uma habilidade que a gente precisa desenvolver”, lamenta.

E é, justamente, para os impactos na psique que a professora

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



A vigilante Zilma Oliveira tinha medo de levar o vírus para casa

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Gerente da UBS 5 de Taguatinga, Wellington confessa o cansaço

do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB) Larissa Polejack chama a atenção. “A exposição durante muito tempo a um fator estressante vai cansando a nossa saúde mental e é isso que está acontecendo com os profissionais de saúde: eles estão expostos à pandemia há dois anos”, reforça.

Larissa Polejack salienta que a diferença entre outros

atendimentos realizados pelos profissionais e o momento da pandemia é que, durante a crise sanitária, o agente de saúde está inserido na mesma situação de perigo. “Com outras doenças, há uma distância entre paciente e médico, mas, na pandemia, não há isso, porque o profissional também está com risco de ser exposto aquela mesma doença e está passando pelas perdas pessoais e o estresse do vírus”,

pondera. A professora afirma que o aumento da depressão e ansiedade “é um impacto real e já temos estudos que abordam isso. Contudo, diferente da onda epidemiológica, em que a taxa de transmissão vai diminuindo, a onda de saúde mental continua crescendo, porque ela vai se acumulando e é uma epidemia silenciosa”, alerta.

### Violência

Para quem está na linha de frente, lidar com a perda de colegas que atuam em conjunto no combate ao vírus é um processo que pode gerar trauma. Na capital, 26 enfermeiros morreram por covid-19 e 1.964 foram infectados. Os dados são do Observatório da Enfermagem, do Conselho Federal de Enfermagem. “Além dos casos de mortes, temos tido casos crescentes de violência contra os profissionais, não somente verbal, mas muitas vezes física. O que mostra como a sociedade vê a nossa profissão como não essencial. De novembro para cá, temos um plantão jurídico no sindicato, porque há, pelo menos, um caso de agressão noturna por semana”, revela a presidente do Sindicato dos Enfermeiros (SindEnfermeiros), Dayse Amarílio.

Para tentar lidar com a violência no trabalho, o sindicato se reuniu com a Secretaria de Saúde e a Secretaria da Mulher para elaborar uma campanha intersetorial de acolhimento para as vítimas. “É uma iniciativa que partiu do SindEnfermeiro, principalmente, porque a maioria da nossa categoria é composta de mulheres. Inicialmente, era focada nas enfermeiras, mas, agora, vai englobar todas as mulheres que de alguma forma são vítimas de violência dentro do ambiente de trabalho. A expectativa é que tenhamos algum resultado até o fim de março, com cartilhas que serão distribuídas”, adianta Dayse.

## Categorias esquecidas

O combate ao novo coronavírus, contudo, não se deve somente aos profissionais da área da saúde. Diversos outros trabalhadores foram primordiais. Zilma Oliveira, 36 anos, vigilante da UBS 12 de Samambaia, conta que em nenhum momento deixou de trabalhar durante a crise sanitária. “No começo, foi mais difícil, porque tinha medo de levar o vírus para os meus filhos. Entrei em desespero. Querendo ou não, somos uma das primeiras pessoas que o paciente encontra no posto, nós que entregamos a senha, orientamos para onde ele tem que ir, perguntamos o que ele está procurando. Quando saía do meu serviço, trocava de roupa e levava em um saquinho para não levar o vírus para casa”, lembra.

Representante do sindicato dos vigilantes, Gilmar Rodrigues, 57, detalha que 63 profissionais morreram devido ao vírus. “Nossa categoria sofreu muito. Mesmo assim, não paramos de trabalhar, e o nosso sindicato entregou 50 mil máscaras durante esse tempo”, afirma. Os amigos do vigilante Francisco das Chagas, 54, morador de Ceilândia, fazem parte das estatísticas apresentadas por Gilmar. “Quatro colegas que dividiam plantão comigo faleceram. Um deles tinha asma e bronquite, já era uma pessoa de risco. E, além deles, teve outros colegas mais distantes que morreram. Meu maior medo era, justamente, pegar a doença e levar para casa. A gente já trabalha de noite sob tensão, com o vírus, a situação piorou muito. Ver as pessoas próximas morrendo é desesperador”, confessa.

A higienização também desempenhou um papel fundamental para manter os espaços livres da contaminação do Sars-CoV-2. Encarregada de limpeza do Hospital Universitário de Brasília, a moradora do Riacho Fundo 2 Ana Raquel Siqueira, 35, destaca que o começo da pandemia foi “aterrorizante”. “Todos os dias, chegavam novas orientações de como lidar com a doença, tudo era novo. Tinha o pânico em sair de casa e ser acometido pela doença”, conta.

Representante do Sindicato dos Empregados em Empresas de Asseio, Conservação, Trabalho Temporário, Prestação e Serviços Terceirizáveis no DF (Sindiserviços), Maria Isabel Caetano pondera que, mesmo com a dedicação dos profissionais, a categoria sofre com a falta de reconhecimento. “As pessoas precisam se conscientizar sobre a importância do nosso serviço. Sem a limpeza, como as outras pessoas vão trabalhar, principalmente com o novo coronavírus? A limpeza é um instrumento essencial”, defende.